

## AQUILOMBAMENTO E INFÂNCIA: ANTIRRACISMO NAS PRÁTICAS COM CRIANÇAS PEQUENAS<sup>1</sup>

Aline Moraes da Costa Lins<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse trabalho busca apresentar resultados e desdobramentos do projeto extensionista Aquilombando a infância ou por uma educação antirracista das crianças pequenas, desenvolvido entre 2021 e início de 2023 e que encontra em segunda fase por meio de novas parcerias e encontros com comunidades parceiras. O objetivo central do projeto foi o de desenvolver estratégias de promoção da educação antirracista para a educação infantil, em espaços formais e não-formais de educação, dialogando com as mulheres mães/professoras/cuidadoras das comunidades, a saber, coletivos e centros de promoção da cultura afrobrasileira. Para isso, partimos das noções de aquilombamento e de mulherismo africana com a finalidade de resgatar a coletividade ancestral dos processos de socialização do continente e da diáspora e, assim, produzir dispositivos de desmonte das lógicas coloniais e individualistas, características da educação ocidental, partindo da metodologia das rodas de conversa. Compreendendo a infância como potência criadora e transformadora, assim como Exu numa perspectiva da pedagogia da insurgência, a nova fase busca divulgar os resultados e utilizar os materiais lúdico pedagógicos produzidos na primeira fase, fazendo a circulação dos saberes junto às crianças da comunidade e produzindo outros. Saberes construídos no coletivo e que geraram riquezas materiais para o auxílio de práticas pedagógicas plurais, tendo o antirracismo como foco central. Quem seriam os universais das histórias infantis? Tendo esse questionamento como fio condutor, entendemos uma necessidade de produzir uma fissura na estrutura e nos modos de ensino-aprendizagem a partir da primeira infância e que a luta anticolonial, na educação formal e não formal, pode e deve ser pensada a partir de autores e interlocutores de pedagogias insurgentes e pluriversais. Assim, esse artigo versará sobre os resultados gerados nos primeiros aquilombamentos, tendo um livro infantil como principal produto e trará, também, os primeiros saberes produzidos na segunda fase, por meio das novas rodas e encontros.

**Palavras-chave:** educação antirracista, infâncias, decolonialismo, mulherismo.

### INTRODUÇÃO

“O mais velho na religião de matriz africana é muito respeitado, mas o papel da transformação quem carrega é a juventude”. Começamos esse artigo a partir desse ensinamento proferido pela Mãe Célia de Moraes, mãe de santo em um terreiro de umbanda omoloco no município de Volta Redonda, local sagrado de espiritualidade, coletividade e educação. E é dentro dessa perspectiva, da juventude carregar a possibilidade de transformar as realidades sociais, juntamente com a potência criadora da infância, que foi gerado o projeto Aquilombando a infância ou por uma educação antirracista da infância.

---

<sup>1</sup> Texto produzido em conjunto com Débora Auguto Franco e Ana Clara dos Santos Silva

<sup>2</sup> Professora de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Volta Redonda, [aline.costa@ifrj.edu.br](mailto:aline.costa@ifrj.edu.br);

O projeto em questão vem sendo desenvolvido desde 2021 no Instituto Federal do Rio de Janeiro, por docentes e bolsistas dos campi Volta Redonda e Pinheiral. A primeira fase foi desenvolvida até março de 2023 e teve como foco principal promover estratégias de promoção da educação antirracista para a educação infantil em espaços não-formais de educação. Para isso, partimos das noções de aquilombamento e de mulherismo africana com a finalidade de resgatar a coletividade ancestral dos processos de socialização do continente e da diáspora e, com isso, produzir dispositivos de desmonte das lógicas coloniais e individualistas, características da educação ocidental/ocidentalizada.

O mulherismo africana (HUDSON-WEEMS, 2021), nesse sentido, serve para pensarmos o senso de comunidade e coletividade característicos de muitas etnias africanas e que é inspiração para os encontros produzidos em nossas Rodas de Conversa, a partir desse projeto de extensão. Com a metodologia das rodas de conversa, são feitas reflexões coletivas e participativas sobre as práticas de cuidar na espiritualidade de matriz africana, trazendo o contexto da resistência negra, os valores que se apresentam nos saberes dos terreiros, o acolhimento, o aquilombamento, a coletividade, a comunidade e o lugar desses saberes ao longo da história da resistência negra no Brasil. Entendemos que as religiões de matriz africana constituem modos de cuidar e de garantir o direito à diversidade de estilos de vida e à singularização, que implica na capacidade de promover o diálogo entre diferentes saberes e, com isso, produzir novas epistemologias para a formação humana e a socialização das infâncias. Considera-se, ainda, a potência das infâncias no deslocamento das bases estruturais racistas e da branquitude. Nesse sentido, buscamos com esse projeto construir caminhos não formais de educação antirracista.

Para alcançar esse objetivo, foram realizadas duas rodas de conversa direcionadas a mulheres, cuidadoras, mães e profissionais de saúde e educação interessados nos temas das infâncias e da educação antirracista como dispositivos de educação formal e não formal para crianças pequenas. Observamos que os atores envolvidos no trabalho formal em educação experimentam os desafios de articular as ações de implementação da Lei 10639/2003 (BRASIL, 2003) nas escolas em que atuam e, com isso, problematizar a fragmentação dos processos de formação para uma educação étnico-racial também na escola. Observamos, ainda, entre mães, cuidadoras e profissionais de saúde, a dificuldade de acessar materiais didáticos que contribuam com a tarefa de formar crianças antirracistas, especialmente na primeira infância. Entendemos, a partir do dispositivo metodológico das Rodas de Conversa, que trabalhar com o ensino da

cultura africana e afro-brasileira é investir na formação humana como um todo, provocando transformações subjetivas que afirmam os processos formativos como estratégias de cuidado e fortalecimento entre os atores envolvidos nas práticas educacionais.

Além das rodas de conversas, grupos de estudos foram desenvolvidos durante esse período que nós, enquanto docentes, pesquisadoras, bolsistas e extensionistas estudamos e discutimos sobre o tema do racismo no campo da educação para a infância, bem como as reflexões sobre a inserção de professores pesquisadores e alunos no plano de experimentação das práticas de educação antirracista para a infância. Essas ações estavam amparadas pelo um projeto de Extensão “Aquilombando a Infância ou por uma educação antirracista das crianças pequenas”, em (PROEX/IFRJ), contando, também com uma bolsista Jovens Talentos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Como resultado dessa primeira fase do projeto, a equipe desenvolveu um livro infantil intitulado O menino Akin e as traquinagens de Icu, baseado em um itan iorubá dos Ibejis que driblam a morte a partir de suas invenções e brincadeiras. A elaboração da obra contou com a parceria do grupo de desenho coordenado pelo professor de Artes do IFRJ campus Volta Redonda, que ilustrou todo o livro, estando o mesmo pronto para ser publicado. Assim como a perspectiva que adotamos no projeto, da infância enquanto potência criadora tal qual Exu (NOGUEIRA, 2020) não apenas do futuro, mas do momento atual, esse conto africano empodera a infância e traduz a importância do brincar, do imaginar e do repertório infantil na transformação dos problemas sociais, entre eles o racismo estrutural e institucional, que buscamos combater com o projeto.

De modo geral, as atividades de extensão têm o objetivo de promover ações comunitárias e, nesse trabalho, de apoio à educação antirracista na primeira infância que fortaleçam as redes de trabalhadores da educação, assistência social e saúde, assim como as redes apoio e de cuidado à infância. Por outro lado, nossas ações também se voltam para a implementação da Lei 10639/2003 (BRASIL, 2003) na Educação Básica, a partir de atividades de Desenvolvimento Acadêmico que estão relacionadas à formação dos alunos bolsistas, que visibilizam as articulações entre teoria e prática, refletindo sobre a implementação da lei nas políticas públicas e compreendendo as práticas de cuidado e formação integral das crianças. O livro foi, então, criado, como material lúdico e pedagógico para que famílias, grupos, escolas possam contar com mais um suporte gratuito na divulgação das Histórias Africana e Afro-brasileira.

Na segunda – e atual – fase do projeto, os objetivos principais são o de aprofundar os estudos e conhecimentos sobre quilombamento, por meio da aproximação com o terreiro de umbanda omolocó Centro Espirita Nossa Senhora da Guia (CENSG), que se compreende como um quilombo urbano; e levar o livro *O menino Akin e as traquinagens de Icu* para a comunidade externa do campus com exposição fotográfica, contação de histórias, jogos lúdicos e rodas de conversas, a depender do público presente em cada evento.

Nosso projeto de extensão nos encaminha a pensar o modo como a história do povo preto vem sendo contada às crianças pequenas, em seus livros infantis, em rotinas institucionais e de aprendizagem. Quem seriam os universais das histórias infantis? Entendemos que há uma necessidade de produzir uma fissura na estrutura e nos modos de ensino- aprendizagem a partir da primeira infância e que a luta anticolonial, na educação formal e não formal, pode e deve ser pensada a partir de autores e interlocutores de pedagogias insurgentes e pluriversais, como Paulo Freire (2018; 2020) e, também, a partir de uma leitura inspirada em Fanon (2020). Os estudos dos efeitos do racismo na construção da subjetividade do povo preto que, experimentando a vida permeada por uma cultura branca que o desumaniza, vivencia um processo de identificação com o branco e, com isso, aparta-se de sua realidade concreta.

Neste sentido, buscamos contribuir para a percepção plural das culturas africanas e afro-brasileiras, desconstruindo a noção colonizadora que a branquitude insiste em narrar e que os currículos escolares, mesmo depois de vinte anos da Lei 10.639, reforçam, é o caminho que o projeto tem seguido, partindo não apenas dos conhecimentos teóricos desenvolvidos por autores e autoras decoloniais, mas dos conhecimentos do cotidiano, das práticas culturais presentes nos terreiros e quilombos, que praticam a coletividade ancestral, resistindo e lutando por meio das ações políticas a fim de fortalecer as bases de uma sociedade antirracista.

## **METODOLOGIA**

Visando a produção de práticas e materiais lúdico-pedagógicos a serem utilizados por profissionais e famílias numa educação antirracista das crianças pequenas e como um projeto de extensão que tem sua base centrada na relação de saberes e redes entre o Instituto Federal e as comunidades parceiras, esse projeto tem como foco, em ambas fases, a metodologia participativa e a pesquisa-ação junto aos atores sociais envolvidos no processo, a saber, as

mulheres-mães-cuidadoras da comunidade atendida pelo Centro Espírita Nossa Senhora da Guia, as futuras professoras da educação infantil e séries iniciais, atuais alunas do curso normal do Colégio Estadual Baldomero Barabará e as usuárias do Memorial Zumbi, bem como as crianças que circulam e pertencem a esses espaços.

Na primeira fase a equipe do projeto, junto com representantes das comunidades parceiras, realizou estudos e discussões sobre temáticas necessárias para a compreensão do racismo brasileiro, bem como caminhos teóricos e práticos para leituras e ações baseadas em perspectivas africanistas e decoloniais. As teorias citadas na Introdução e na Justificano Referencial Teórico desse artigo vem sendo debruçadas pela equipe, a fim de compreendermos as categorias necessárias a serem pensadas e utilizadas quando das rodas de conversas, das oficinas e especialmente da construção dos materiais lúdico-pedagógicos. Em concomitância, realizamos na primeira fase e seguimos realizando rodas de conversas com as comunidades envolvidas, a fim de reconhecer seus saberes sobre a temática em questão, seus anseios e necessidades no caminho de práticas antirracistas para a infância. Essas rodas servem, também, como coleta de dados. As rodas de conversas são entendidas aqui como instrumento de coleta e produção de dados Warschauer (2001; 2002; 2004). Nessas rodas de conversas da segunda fase, utilizamos os materiais produzidos anteriormente, numa forma de divulgar, contribuir para as discussões e preparar para a segunda etapa.

Numa segunda etapa, estamos realizando oficinas com a participação das crianças (CENSG, Memorial Zumbi, Colégio Barabará). Nessas ações, as crianças tem contato com os materiais lúdico-pedagógicos desenvolvidos no primeira fase do e acontecem contação de histórias do livro *O menino Akin* e as *Traquinagens* de ICU. Na oficina que foi realizada no Memorial Zumbi, contamos com a parceria da Madruska, contadora de histórias da cidade. Essas ações objetivam produzir uma fissura na estrutura e nos modos de ensino- aprendizagem a partir da primeira infância, numa luta anticolonial. Nesses momentos, a equipe do projeto busca, também, observar o interesse das crianças pelos materiais e levantar, com as crianças e as profissionais/mães/cuidadoras presentes, os tipos de materiais e de práticas que melhor atenderiam às infâncias ali presentes.

A terceira etapa tem sido a de avaliação e análise de cada uma das ações e atividades que desenvolvemos. Com o fomento do IFRJ, para finalizar a segunda fase do projeto, pretendemos publicar o livro já citado e desenvolver um curso de contação de histórias para o

público interessado, especialmente as alunas do curso normal. A intenção é construir um acervo material e imaterial que contribua para ações e propostas pedagógicas decoloniais e africanistas em espaços formais e não formais de educação infantil. Também será nessa etapa que produziremos os relatórios e um artigo para publicação em revista ou congresso da área

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para sustentar a aposta de trabalhar o aquilombamento da infância a partir de dispositivos de educação antirracista no município de Volta Redonda, localidade onde o projeto irá se concentrar nessa nova edição, buscamos algumas referências que orientam nossas incursões pelo campo de práticas. De acordo com Fanon (2020), em “Pele negra, máscaras brancas”, compreende-se que o povo negro se encontra em sofrimento psíquico em função das atrocidades e do terror da violência da colonização, da dominação, da exploração social e econômica e da violência racial e, aqui, entendemos que a reflexão de Franz Fanon pode servir como um dispositivo de análise do colonialismo brasileiro.

No Brasil, fatores muito complexos, como apagamento de saberes e de territórios, bem como os entrecruzamentos do racismo estrutural, produziram uma lógica e organização educacional que permanece assentada nos princípios fundantes ocidentais, que são, por sua origem, pautados numa cultura de violência racial, enquanto o currículo se apoia na transmissão dos saberes ocidentais, que, no que lhe concerne, criou a ideia do homem branco como um universal. Nessa lógica, o branco é visto como expressão universal de humano, e o negro como expressão da natureza e da emoção, adquirindo um lugar de especificidade, seja na cultura, seja nos processos de escravização, seja no debate racial. Para Fanon (2020), há um processo de fixação do negro como não humano e do branco como expressão única e universal de humanidade, no qual o negro é objeto; e o branco, sujeito. Essa situação colonial coloca o negro, também, muitas vezes, no lugar de ameaça ao mundo branco e aos seus privilégios.

No Brasil, consideramos a população negra como sendo a maioria das pessoas que experimentam a vida em territórios periféricos, onde a violência colonial opera como um dispositivo ético de opressão e exclusão. Para nós, o enfrentamento da violência colonial precisa começar nas escolas, nas famílias e nos espaços de vivência das crianças, numa aposta anticolonial, tal como proposto por Paulo Freire (2018), em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, em que o autor destaca que a atitude anticolonial é expressa no processo de descortínio do posicionamento epistemológico colonialista e na denúncia das racionalidades privilegiadas,

forjadas em detrimento de outras culturas. A anticolonialidade implica, portanto, uma atitude de denúncia das práticas institucionais preconceituosas de raça, de classe e de gênero dentro e fora da educação formal. Em “Pedagogia da esperança”, Freire (2020) afirma que o medo do oprimido é o que o impede de lutar. Um medo que não significa abstração, mas concretude na vida cotidiana das pessoas. É um medo causado por motivos concretos, os quais impedem a autonomia.

Aprendemos uma pedagogia insurgente e baseada a partir dos textos de Muniz Sodré (2019), em “O terreiro e a cidade”, quando o autor nos indica uma epistemologia do Axé, que considera o terreiro como um lutar-território geográfico e subjetivo de formação e socialização, de cooperação e de comunidade. Entendemos a importância da produção epistemológica também de Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas (2019), que nos apontam que os processos educativos enredados com as formas de sociabilidade do terreiro ampliam o nosso olhar sobre educação como diversidade, o que significa reconhecer a característica do saber como inacabado, e da dúvida como um caminho pluriversal de formação, educação e escolarização. Para os autores, é na lógica de uma epistemologia das macumbas que a condição de não saber se faz necessária à educação compreendida pela experiência, pelo conhecimento a partir da vida e da arte. Ou como afirma Rufino (2019), em “Pedagogia da Encruzilhadas”, é um chamado para que as epistemologias aquilombem suas construções teóricas e, conseqüentemente, as nossas práticas formativas, muito mais por uma via ético-estético- política de descolonização da lógica educacional eurocentrada que por um manual de capacitação pedagógica.. É a partir desses autores que entendemos a importância da pedagogia dos Orixás, que nos ensina que Exú é uma resposta enquanto dúvida, um dispositivo de transformação social e, por isso, de educação e formação como atos revolucionários.

Entendemos a educação como cuidado e formação integral, algo que se estabelece nas experiências de vida e comunidade, não apenas no percurso de escolarização. Nesse sentido, entendemos que uma educação antirracista precisa ser inspirada a partir de práticas de aquilombamento e de produção do comum, com a referência à produção subjetiva e social que queremos para as infâncias encontrada nos estudos sobre o Mulherismo Africana. Nessa perspectiva, entendemos o Mulherismo Africana como uma política de cuidado em educação. O termo Mulherismo Africana foi cunhado em 1987 por Clenora Hudson-Weems (2020) e estabelece a identidade cultural e ancestral das mulheres africanas e da diáspora. O mulherismo surgiu também em oposição ao feminismo europeu, entendido como um termo conceituado e

adotado por mulheres brancas e que implica uma agenda projetada para atender às necessidades e demandas desse grupo em particular, não respondendo, portanto, às necessidades não apenas das mulheres negras, mas também do povo preto do continente africano e das diásporas. Nesse sentido, o conceito de mulherismo destaca o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou na natureza do feminino e do masculino em todas as formas de vida (não hierárquica), bem como a necessidade de luta coletiva do povo preto.

Para Nah Dove (1998), o conceito de mulher e mãe ultrapassa as relações de gênero e consanguinidade e implica uma responsabilidade de condução espiritual e cultural da vida, sendo ela o centro da organização social e das responsabilidades comunitárias, que também envolvem as políticas de cuidado, como as que destinamos às crianças pequenas. Para Dove (1998), é preciso abordar a cultura como uma arma de resistência e reorientação dos povos e, para isso, é preciso partir do lugar de cuidado que, por sua vez, está referenciado numa política de reafricanização, que toma como ponto de partida a validade das experiências de mãe.

Orientadas pelas propostas de Clenora Hudson-Weems e Nah Dove, entendemos o mulherismo como um modo de educar também possível a partir da realidade da diáspora brasileira e, nesse sentido, implica transformar os espaços de educação formal e não formal em lugares de recuperação e reafricanização como forma de enfrentamento do racismo e de todo o seu contexto de desumanização. Por esse motivo, a escola precisa ser um espaço de reparação e de desmontagem permanente do branqueamento e da branquitude com o objetivo de ampliar o poder psíquico, social e cultural de crianças e jovens negros e não negros, já que entendemos, a partir de Fanon (2020), que o racismo que “desumaniza” os negros, subalternizando-os, na verdade, desumaniza os brancos, a partir de suas estratégias de hierarquização e de criação do inferiorizado. O racismo funciona a partir de um sistema hierárquico que divide a humanidade em superiores (os brancos/humanos) e inferiores (os negros/desumanos), mediante um sistema de marcas e classificações sociais, subjetivas, históricas, geográficas e políticas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As duas primeira rodas de conversa desenvolvida pelo projeto aconteceram ainda de forma remota devido a pandemia COVID-19, em 2021 e 2022. Na primeira, oferecemos uma oficina de sensibilização sobre o tema "Infâncias e racismo", propondo pensar a construção social das infâncias e essas como potências transformadoras do racismo estrutural e, para isso,



destacamos a importância da brincadeira, da contação de história e do lúdico. A partir de produções audiovisuais do canal do Youtube Nana e Nilo (2020), solicitamos aos participantes que contassem um pouco sobre a própria infância na escola e na família. Logo após, discutimos racismo na infância, representatividades negras nos livros infantis, no currículo escolar e no percurso escolar de cada um, ou seja, a partir das experiências dos participantes, incluindo as docentes e a bolsista do projeto de extensão. O objetivo da dinâmica foi colocar em análise como uma educação de costumes europeizados contribuiu, nas experiências de vida, para a manutenção do dispositivo racial como instrumento de segregação, discriminação e preconceito com as crianças negras já nos anos iniciais de vida. Os participantes desse primeiro encontro contaram um pouco de suas experiências pessoais quando crianças, de suas angústias experimentadas em seus processos de escolarização e de suas preocupações atuais, em especial das mães presentes em relação às suas práticas educativas na atualidade com seus filhos, filhas e filhas e, com isso, os desafios com a promoção da igualdade racial na formação das crianças. Mães negras destacaram os racismos vividos desde a infância e a preocupação com esses efeitos na atualidade, seja em suas vidas e maternagens, seja na vida de seus filhos. Mães brancas destacaram a preocupação e os obstáculos na formação antirracista, bem como os efeitos do racismo e a desconstrução de privilégios para as crianças brancas. A escola foi o centro dos debates nesse primeiro encontro, quando todos os presentes destacaram o problema do currículo europeizado nas suas formações, na infância e na atualidade, na educação das crianças pequenas que acompanham/cuidam.

Na segunda roda, o público participante foi de profissionais da educação infantil dos municípios de Volta Redonda e Pinheiral, Identificamos a dificuldade profissional na escolha e obtenção de materiais pedagógicos orientados para uma educação antirracista, tanto nas redes de educação pública e privada quanto na assistência social. O principal impasse, nos serviços públicos destacados, é a criação de um espaço de diálogo sobre a importância da educação antirracista em espaços formais e não formais de educação e, portanto, nos processos formativos escolares ou não, nos processos de produção de saúde e de direitos sociais, como no trabalho que faz a psicologia na assistência social. O segundo impasse apontado pelos profissionais dos municípios de Volta Redonda e de Pinheiral foi que, na certeza de um trabalho antirracista, ou seja, em uma direção de trabalho que se pauta no recorte de raça como uma perspectiva ética, o obstáculo se concretizava diante de impossibilidade de executar o trabalho, uma vez que, no âmbito das prefeituras municipais, não há disponíveis materiais adequados, colocando como um problema a aquisição desses materiais didáticos. Uma dúvida amplamente apontada

também esteve no campo de uma articulação possível entre teoria e prática, ou seja, de que maneira trabalhar o tema do antirracismo com crianças pequenas, mas também com jovens e adolescentes. Na ocasião, trabalhamos com os participantes a indicação de materiais pedagógicos e formativos/de capacitação que se encontram disponíveis de forma gratuita na internet como subsídio inicial.

Entendemos que as atividades de análise coletiva das experiências de racismo institucional na educação escolar e na família, teve como efeito, também pelo artifício da escuta e do acolhimento, um processo de aquilombamento que é constitutivo da construção mulherista e comunitária. Esse entendimento possibilita que os elementos constitutivos do aquilombamento das infâncias auxiliem na incorporação do dispositivo comunitário no cotidiano das práticas educativas e apresentem-se como um investimento no campo da formação coletiva de pessoas dispostas à luta antirracista.

As atividades realizadas na segunda etapa do projeto, que está em curso, ainda carecem de análise mais aprofundada, visto terem sido realizadas no meses de outubro e novembro de 2023, contudo, a noção de aquilombamento se apresenta no relato de uma das bolsistas do projeto que, ao realizar a atividade no terreiro de umbanda, descreve a emoção e a potência que sentiu em si mesma a partir do acolhimento, carinho e conforto que encontrou entre os membros daquela comunidade. Menina negra, de família evangélica, todo o seu receio em adentrar num centro espírita se esvaiu, como relatado abaixo:

*Confesso que estava um pouco nervosa (...). No entanto, deu tudo certo. oi uma experiência incrível. Quando chegamos, as mulheres estavam cantando e cortando quiabo no chão, entoando várias e várias músicas. Quando entramos, fomos apresentadas ao Pai Cid, que nos recebeu muito bem. Eu senti uma diferença em comparação à minha religião, que é o cristianismo. As pessoas do quilombo sabem receber e aconchegar, e o lugar em si exala uma "vibe" de paz e tranquilidade. (relato da bolsista Jovens Talento, Nicole Duarte sobre a experiência vivenciada em 12 de outubro de 2023).*

É nesta perspectiva então, que uma educação antirracista, afrocentrada, brasileira e de matriz africana, ameríndia ou pindorâmica afirme também a sua potência, quando se propõe a estar ao lado daqueles que estão dispostos a superar os vícios da colonialidade, a deslegitimação dos saberes e práticas ancestrais de cuidado e educação e que estejam implicados no suporte às

produções subjetivas disponíveis aos desmontes dos privilégios, que ampliam a potência das infâncias e são ampliados por ela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso esforço tem sido para trabalhar com uma proposta de aquilombamento das infâncias a partir dos processos de formação integral e educacional das crianças pequenas em nosso projeto de extensão, que se estabelece nos municípios de Pinheiral e Volta Redonda, porque investimos nessa interface de formação de alunos, de nós mesmas, docentes e pesquisadoras, e também da comunidade escolar e não escolar que têm caminhado conosco. Estamos construindo, não sem dificuldades, a adesão das escolas e famílias a essa estratégia, uma vez que ela mobiliza a transformação das práticas de cuidado e educação e também a produção de novas subjetividades entre os atores envolvidos na cena do cuidado. Compreendemos que o próximo passo é sustentar, ao longo do tempo, a concretização das Leis 10639/2003 (BRASIL, 2003) e 11645/2008 (BRASIL, 2008) em nossa região, incluindo o trabalho que realizam os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas e, claro, o próprio Instituto Federal, mobilizando estratégias de pactuação de agendas de aquilombamento na educação formal e não formal. Entendemos, desse modo, que a nossa função como parceiros na construção dessa estratégia deve ser contínua, já que afirmamos que uma educação antirracista é um processo eminentemente transformador das estruturas raciais de toda a nossa sociedade e, portanto, depende de um trabalho persistente e permanente na esperança que crianças e jovens possam, em breve, viver o tempo do antirracismo em espaços educacionais e em suas experiências de vida, de existência.

Para Wade Nobles (2009), o candomblé e os quilombos, no Brasil, são fontes de retomada dos sentidos africanos do ser humano. É essa materialidade do sentido de ser africano que entendemos como fundamental para uma pedagogia dos quilombos, das encruzilhadas. Como destaca o autor, o processo de sequestro dos povos africanos significou uma espécie de descarrilamento ou desafricanização, que é quando o caminho do desenvolvimento africano, em termos de socialização, vida familiar, educação, padrões de governo, pensamento filosófico, invenções científicas e técnicas sofreram um descaminho cultural e espiritual com a invasão estrangeira, colocando os povos africanos e da diáspora fora de sua trajetória de desenvolvimento. O retorno aos trilhos e aos caminhos ou aos sentidos de ser africano implica uma formação aquilombada, ou, como propõe Nobles (2009), uma Pulsão Palmarina, isto é, a

formação de um corpo político marcado pela beleza da luta pela liberdade e da resistência dos povos africanos da diáspora. Pulsão Palmarina é a retomada dos sentidos africanos do ser humano e a reconexão com o nosso desejo de ser africano e livre. É uma resposta aos processos de embranquecimento que, no contemporâneo, caracterizam um novo agenciamento para o descarrilamento do povo preto.

Para isso, devemos priorizar, sobretudo, a produção de espaços coletivos, dando enfoque aos olhares diferenciados e às perspectivas pluriversais, a fim de encontrarmos estratégias de educação que considerem as complexidades culturais, existenciais e históricas envolvidas no processo de colonização. Pretendemos produzir uma pequena fissura nos saberes do eurocentrismo, a partir de uma Pedagogia dos Quilombos, fazendo da formação humana, dentro e fora da escola, um lugar de cuidado com a vida (humana, não humana),

## REFERÊNCIAS

### EXEMPLOS:

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. D.O.U. de 11 de março de 2008.

DOVE, N. **Mulherismo Africana: uma teoria afrocêntrica**. Universidade Temple. Tradução de Wellington Agudá. *Jornal de Estudos Negros*, v. 28, n. 5, maio 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65 ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra Editora. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 27 ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra Editora. 2020.

NANA & NILO. O Jongo do Tongo – Nana e Nilo e os Animais. **YouTube, 28 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O63dy00OrM>>.

NOBLES, W. WADE. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In NASCIMENTO, E. L. (ORG) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, volume 4).

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020.